O ROMANTISMO BRASILEIRO: UTILIZAÇÃO DO GOOGLE SALA DE AULA NO ENSINO DE LITERATURA

BRAZILIAN ROMANTICISM: USING GOOGLE CLASSROOM IN LITERATURE TEACHING

Adriana Pin[1]

Andressa Fleischmann Silva[2]

RESUMO: Analisa e verifica como os recursos do Google Sala de Aula podem ser utilizados como instrumentos eficazes no Ensino de Literatura no Nível Médio. O aporte teórico fundamenta-se em autores, como: Candido (2004), Kenski (2007), Moran (2015), Thiollent (2011) e Zilbermann (1990). Caracteriza-se como um estudo misto com aplicação da pesquisa-ação. Foram realizadas observações de aulas da 2ª. série do Ensino Médio de Tempo Integral de uma escola estadual em Colatina-ES, com a aplicação de sequência didática, contendo aulas expositivas e dialogadas e atividades aplicadas por meio do Google Sala de Aula na disciplina de Literatura. Este estudo possibilitou o desenvolvimento do conteúdo "Romantismo Brasileiro", com uso de ferramentas variadas, despertando o interesse dos estudantes. Oportunizou-se aos alunos o acesso ao aprendizado com qualidade, levando-os a alcançar uma aprendizagem significativa, utilizando diferentes recursos e metodologias, tendo como culminância a criação de um *site*, para difusão das atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: Literatura. Tecnologia. Ensino. Educação.

PALAVRAS INICIAIS

A tecnologia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no processo de ensino e aprendizagem. Uma das ferramentas que tem ganhado destaque é o Google Sala de Aula, uma plataforma gratuita de gerenciamento de aprendizado que permite que os professores criem, gerenciem e distribuam atividades e materiais aos seus alunos de forma digital.

A relação entre a educação e o Google Sala de Aula pode trazer inúmeros benefícios para o ensino integral dos alunos. A plataforma permite que os professores criem um ambiente de aprendizagem interativo, engajador e personalizado, onde os alunos podem acessar o conteúdo a qualquer hora e de qualquer lugar, utilizando seus próprios dispositivos. Além disso, o Google Sala de Aula oferece recursos de colaboração em tempo real, o que significa que os alunos podem trabalhar juntos em projetos e atividades, compartilhar ideias e *feedback* e receber ajuda uns dos outros e do professor.

[1] Professora de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFES. Doutora em Letras. Professora colaboradora do Centro Universitário Vale do Cricaré e do Programa de Pós-graduação em Letras - UFES.
[2] Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação.

Isso pode aumentar a participação e a interação dos alunos, bem como a qualidade do trabalho produzido.

Este artigo surgiu a partir de uma pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Centro Universitário Vale do Cricaré, no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação. Assim, partimos da seguinte problemática: como o Google Sala de Aula pode contribuir para o Ensino de Literatura no nível médio da Educação Básica, por meio da modalidade híbrida? Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar e verificar quais e como os recursos do Google Sala de Aula podem ser utilizados como instrumentos eficazes no Ensino de Literatura no Nível Médio.

Ainda que os estudos sobre Educação e Tecnologia não sejam uma novidade (SCHEUER, 2015; COSTA, 2017; RODRIGUES, 2020), as discussões suscitadas neste trabalho sobre o ensino de literatura e tecnologia podem ser uma importante ferramenta para impulsionar o pensamento crítico dos alunos. Ao utilizar recursos tecnológicos como o Google Sala de Aula, é possível promover uma maior interação entre o aluno e o conteúdo, bem como a possibilidade de trabalhar diferentes habilidades, como a análise e interpretação de textos em formatos variados.

Durante muito tempo, a literatura foi marcada por ser uma arte destinada apenas à elite, restrita a uma minoria que tinha acesso à educação formal. O conhecimento da literatura era visto como uma marca de distinção social, sendo valorizado como um sinal de sofisticação e refinamento cultural. A exclusão social de grande parte da população atinente ao acesso à leitura e ao contato com a literatura, além de um problema de acesso à informação, era uma questão de poder e de hegemonia cultural. A partir do século XX, com o aumento do acesso à educação, a literatura passou por uma democratização gradual, mas ainda hoje é vista por muitos como uma arte elitista, de difícil compreensão e de pouco interesse para as camadas populares.

Sendo assim, a pesquisa sobre o ensino de literatura e tecnologia apresenta-se relevante, no atual contexto educacional, marcado pela utilização cada vez mais frequente de tecnologias digitais na prática pedagógica. Além disso, a literatura, enquanto campo de estudo fundamental para a formação cultural e crítica dos indivíduos, demanda uma abordagem atualizada e conectada com as transformações do mundo contemporâneo. Assim, investigar as possibilidades de utilização da tecnologia no ensino de literatura pode contribuir para a formação de alunos mais críticos, capazes de compreender e interpretar a realidade a partir de diferentes perspectivas. Ademais, a pesquisa pode fornecer subsídios para o planejamento de práticas pedagógicas mais efetivas e inovadoras, capazes de atender às demandas da sociedade em constante transformação.

O presente trabalho se organiza retoricamente nas seguintes seções, além da introdução, a saber: a discussão teórica do trabalho; a metodologia adotada para realização do trabalho; a discussão dos dados produzidos durante a aplicação da pesquisa-ação e, por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

DOS ARRANJOS TEÓRICOS: LITERATURA, ENSINO E TECNOLOGIA

Na seção que se segue, apresentaremos os alicerces teóricos desta pesquisa, ao utilizarmos os estudos de Antônio Cândido sobre Literatura e Romantismo; as contribuições de José Manuel Moran sobre ensino e aprendizagem inovadores e metodologias ativas; as perspectivas de Vani Moreira Kenski sobre o uso de tecnologia e informação na educação; e ainda os estudos de Regina Zilberman sobre o ensino de literatura no Ensino Médio.

A história da literatura brasileira se inicia a partir do período da descoberta do país[3], em 1500, sofrendo forte influência das Literaturas Portuguesa (principalmente, por causa do idioma), Francesa e Inglesa até o Simbolismo (duas últimas décadas do século XIX). A partir do Romantismo Brasileiro, nossa literatura *começou* a alcançar sua autonomia e promover manifestações próprias, ainda que no plano idealizado, e que aqui vamos centralizar nossa pesquisa nessa escola literária[4], que teve o seu marco inicial[5], no Brasil, em 1836, com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães, comumente considerado o pioneiro e patrono do Romantismo brasileiro, em função da contribuição e atuação na produção literária do período. Seu original senso de relativismo contribuiu significativamente ao desenvolvimento e concretização do movimento no Brasil. Atualmente, a produção desse escritor tem mais importância histórica do que literária, visto que ele teve significativa atuação no processo de renovação nacionalista das letras.

Antonio Candido (2002) é um importante nome no estudo do Romantismo no Brasil. Em sua obra *Romantismo no Brasil*, o autor destaca que esse movimento literário encontrou sua oportunidade histórica no país, adaptando-se ao sentimento nacional em

[3] O estudo de Literatura Brasileira, didaticamente, inicia-se a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha, tornando-se nosso primeiro texto literário, como se verifica nos livros didáticos.

[4] Embora a Literatura seja apresentada por meio de escolas literárias, no currículo do Ensino Médio brasileiro, devido a finalidades didáticas, esse formato vem sofrendo várias críticas recentemente, por não valorizar, no Ensino de Literatura, o que é mais importante: a abordagem do texto literário, levando o professor, muitas vezes, a se preocupar mais em "encaixar" determinada obra em certas características estéticas e no contexto histórico do que a leitura literária e a interpretação do texto.

[5] A Literatura Brasileira é dividida em escolas literárias (também chamadas de períodos ou de movimentos literários ou estilos de época), as quais têm como início não propriamente uma data específica, mas um marco inicial, isto é, a publicação de uma obra que anuncia uma estética diferente das obras que compõem a escola literária anterior. Como término, cada escola literária também não tem uma data específica, mas entra em decadência quando uma nova obra com uma proposta estética diferente é publicada, por conseguinte sendo um marco de um movimento literário posterior e, assim, sucessivamente.

formação e mantendo uma conexão com a matriz europeia, mas também se apropriando de particularidades regionais de forma original. Antes do Romantismo, houve um período de transição chamado de "Pré-Romantismo", que ocorreu entre 1808 e 1836, saindo do Arcadismo e prenunciando a fisionomia da literatura brasileira, conforme observado por Bosi (1994).

O Romantismo no Brasil teve um papel significativo na construção da identidade nacional, ao buscar a independência literária e criar uma ideia de nação, através da mestiçagem como fator de diferenciação e da historiografia nacional, porém, com o silêncio sobre a questão da escravidão. Durante esse período, os poetas românticos buscavam uma poética simples, marcada pelo ideal de liberdade, sem se preocupar com as formas clássicas do passado. Um exemplo disso é a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, um poema melancólico e simples que se tornou um símbolo do Romantismo brasileiro.

Esse movimento literário, no Brasil, é marcado pelo nacionalismo, buscando a independência da literatura europeia após a recente emancipação do país de Portugal, conforme apontado por Candido (2002). Embora autores como Gregório Mattos, José de Alencar e Gonçalves Dias tenham publicado obras nessa vertente, a independência da literatura brasileira só foi alcançada de maneira plena com o advento do Modernismo na Semana de Arte Moderna de 1922. O Romantismo teve ampla produção em prosa, poesia e teatro, destacando-se, na prosa, os romances de José de Alencar, divididos em categorias como urbanos, indianistas, regionais e históricos.

Ao pensar na relação entre literatura na Educação Básica e tecnologia, é importante considerar a vasta produção existente sobre o tema "ensino de literatura". Embora respaldados por documentos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Orientações Nacionais Curriculares (ONC's) e Currículos, é necessário buscar apoio em outros meios para refletir sobre ensino, aprendizagem e educação. Com base nas contribuições de Regina Zilberman, podemos refletir sobre o ensino de literatura na Educação Básica. Em sua obra *Literatura e Pedagogia*, Zilberman (1990) remonta ao século VI a.C. para destacar a relevância da literatura no processo educativo:

> Que a poesia assumiu desde cedo propensão educativa, prova-o o fato de Psístrato, modernizador da sociedade ateniense durante o século VI a.C., ter organizado os concursos de declamação das epopéias: com isso, reconheceu que elas ofereciam ao povo padrões de identificação, imprescindíveis para ele se perceber como uma comunidade, detentora tanto de um passado comum quanto de uma promessa de futuro, constituindo uma história que integrava os vários grupos étnicos, geográficos e lingüísticos da Grécia (ZILBERMAN, 1990, p. 17).

A autora explora a relevância da literatura no processo educativo, desde o século VI a.C. até o período pós Revolução Francesa, no qual ela foi introduzida nas escolas como disciplina nacional. A autora discorre sobre a transformação da natureza educativa da literatura ao integrar os currículos escolares, fornecendo uma análise detalhada de como essa transformação ocorreu ao longo do tempo. Desse modo, Zilberman (1990, p. 20) aponta que "o tipo de comunicação com o público, antes direto, foi institucionalizado e deixou de ter finalidade intelectual e ética, para adquirir cunho linguístico. Por sua vez, se a perspectiva política não desapareceu, tomou outro rumo".

Embora Zilberman (1990) não adote uma postura pessimista em relação ao papel educador da literatura, ela critica de forma contundente a ideia de que a literatura é capaz de educar. Para a autora, a literatura oferece elementos que podem provocar reflexões nos professores, levantando questionamentos acerca do modo como é possível resgatar o caráter educativo da literatura.

Após expor suas críticas, a autora não apresenta soluções prontas e definitivas, mas sim novas questões que incentivam a reflexão acerca do papel da literatura. Zilberman destaca a importância do diálogo para uma possível reconstrução do ensino de literatura, enfatizando que é necessário que tanto o professor quanto o aluno adquiram consciência de sua formação. Segundo a autora, esse processo depende de uma troca contínua de ideias e informações, que possibilita a socialização e compartilhamento de vivências passadas e presentes, e evita que tanto o professor quanto o aluno se isolem em seus mundos interiores (ZILBERMAN, 1990).

Buscando pensar novamente sobre o ensino de literatura, Zilberman, em seu livro "A leitura e o ensino da literatura", salienta como o Brasil vem mobilizando esforços com o intuito de difundir o gosto pela leitura e literatura e de dirimir uma situação de atraso cultural:

> O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 2012, p.16).

Sendo assim, a leitura é fundamental para sustentar o ensino de literatura na prática pedagógica, e o livro é um dos diversos recursos que pode ser explorado para o ensino de literatura, não sendo a atividade última para este fim, mas central. Dessa forma:

> A leitura é o fenômeno que respalda o ensino da literatura e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra de tendência mais prática. De modo que a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo de como a leitura é encarada pelos professores, por

> extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão; pois de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula. (ZILBERMAN, 2012, p. 94)

Zilberman (1990; 2012) traz importantes reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de literatura na Educação Básica, fornecendo subsídios sobre como a abordagem pode ser realizada em sala de aula, incluindo a possibilidade de explorar recursos tecnológicos para o ensino da literatura, além do livro didático e dos clássicos literários.

Nesse sentido, as temáticas de Tecnologia e Educação estão há muito tempo relacionadas e podemos utilizar os estudos de José Manuel Moran (2006) sobre ensino e aprendizagem inovadores e Vani Moreira Kenski (2007) acerca do uso de tecnologia e informação na educação como ponto de partida para analisarmos essas questões. As transformações trazidas pelas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) tiveram um impacto profundo em nossas sociabilidades, afetando a maneira como nos comunicamos, produzimos conhecimento, nos relacionamos e até mesmo como enxergamos a Educação. Isso é evidenciado pelos investimentos realizados na aquisição de material tecnológico na esfera educacional nos últimos anos.

Moran, em seu texto “Mudando a educação com metodologias ativas” (2015), já previa a transformação da educação e destacava que as novas tecnologias trariam expectativas de soluções rápidas para o ensino. Vários autores também discutiram as mudanças trazidas pelas Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs), que impactaram significativamente a forma como nos comunicamos, produzimos conhecimento e enxergamos a Educação. Investimentos têm sido feitos na esfera educacional para aquisição de material tecnológico. Mais tarde, o autor afirma em seu texto, *Educação inovadora na Sociedade da Informação*:

> Estamos em uma etapa de grandes mudanças na transição para a Sociedade da Informação, que afetam também à Educação. Temos que repensar seriamente os modelos aprendidos até agora. Ensinar e aprender com tecnologias telemáticas é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. (MORAN, 2006, p. 01)

Moran (2006) afirma que as transformações tecnológicas na Educação estão levando a uma aproximação sem precedentes entre o ensino presencial e o virtual, resultando em um ensino híbrido que incorpora cada vez mais recursos tecnológicos, especialmente a internet. O autor também oferece importantes indicações de propostas metodológicas para o trabalho com tecnologias na sala de aula ou em ambientes virtuais de aprendizagem, incluindo fóruns de discussão, aulas pesquisa e construção cooperativa (MORAN, 2006).

Segundo Kenski (2007), é impossível pensar em Educação sem tecnologia, uma vez que ela está presente desde os tempos mais remotos e o ser humano sempre adaptou seu ambiente às tecnologias disponíveis em cada contexto e evolução.

> A evolução social do homem se confunde com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes períodos da história da humanidade são historicamente reconhecidos pelo avanço tecnológico correspondente. As idades da pedra e do ferro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas "novas tecnologias" para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir melhor qualidade de vida (KENSKI, 2007, p. 21).

Kenski (2007) destaca a relevância da escola como instituição social, que oferece a escolaridade mínima para atualização e formação dos indivíduos na Sociedade da Informação. Ela argumenta que a função da escola é garantir aos alunos-cidadãos a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores. Considerando os estudos de Moran (2006) e Kenski (2007), observamos que inovar na Educação é fundamental na sociedade em que estamos inseridos, dada a constante transformação que as Tecnologias da Comunicação e Informação nos possibilitam, ao passo que mobilizar recursos tecnológicos e metodologias ativas garante uma aprendizagem mais significativa, ao educando.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo se define como pesquisa-ação, tendo em vista que há uma participação ativa da pesquisadora. Thiollent (2011, p. 20) afirma que este tipo de trabalho é

> Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nesses termos, a pesquisadora participa efetivamente no processo de aplicação das atividades de fixação do conteúdo abordado na sequência didática, por meio dos recursos do Google Sala de Aula, não só auxiliando os estudantes e o professor, sujeitos da pesquisa, como também propondo ações/atividades para que o processo de aprendizagem seja funcional, cujas relações entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa são marcadas pela interação, intervenção e transformação do contexto de aprendizagem, o que caracteriza a pesquisa-ação. Dito isso, conforme Tripp (2005, p. 447), "[…] a pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica".

No que diz respeito à natureza deste trabalho, que é qualitativa, frisamos que há um movimento inicial consciente de que outras questões podem surgir, ao passo que conforme Lakatos e Marconi (2004, p. 269), este tipo de pesquisa “fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos”. Além disso, esta pesquisa também apresenta abordagem quantitativa, evidenciando-se na quantificação dos resultados da coleta de dados, como também na discussão e análise dos fenômenos observados.

> Evidencia a observação e valorização dos fenômenos; estabelece ideias; demonstra o grau de fundamentação; revisa ideias resultantes da análise; propõe novas observações e valorização para esclarecer, modificar e/ou fundamentar respostas e ideias. (MARCONI, LAKATOS, 2004, p. 284).

Trinta e dois alunos do ensino médio técnico integrado são sujeitos desta pesquisa, com idade entre 15 e 18 anos, provenientes em sua maioria de famílias de trabalhadores rurais, comerciários e operários de fábricas da cidade.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada em uma escola estadual em Colatina-ES, localizada em um bairro comercial com clínicas, hospitais, laboratórios e restaurantes. A escola tem 646 alunos e oferece vários cursos, incluindo Ensino Médio Regular e Técnico em Administração, atendendo tanto a população local quanto a comunidade rural próxima.

Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário fechado para os alunos da turma e outro aberto ao professor, a fim de averiguar os recursos mais utilizados pelos alunos, bem como informações sobre as possíveis vantagens e desvantagens da utilização dessa modalidade de ensino e desses recursos a partir de atividades práticas realizadas.Para tanto, seguimos os seguintes passos para desenvolvimento desta pesquisa: revisão de literatura acerca do tema, com as principais e mais recentes contribuições; formalização da pesquisa junto ao Comitê de Ética e Pesquisa; abordagem dos sujeitos colaboradores da pesquisa; apresentação dos termos de consentimento e assentimento livre e esclarecido; planejamento da sequência didática com o professor da turma, utilizando os recursos do Google Sala de Aula; aplicação dos questionários ao professor e aos alunos da turma sobre a temática pesquisada; organização e apresentação das informações coletadas, em gráficos; e sistematização e análise dos dados coletados junto aos sujeitos colaboradores.

PENSANDO TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Nesta seção, abordamos a coleta de dados e a aplicação da pesquisa no contexto investigativo. Primeiramente, apresentamos a sequência didática utilizada e como ela foi

aplicada. É importante destacar que alguns pontos merecem atenção, pois afetaram o estudo de alguma forma. A participação dos estudantes ficou abaixo do esperado, devido ao alto número de faltas[6], e o engajamento inicial na participação também não atendeu às expectativas. No entanto, esses obstáculos não comprometeram o desenvolvimento do trabalho ou a aplicação da sequência didática.

Importa mencionar que essa pesquisa teve origem durante a pandemia de COVID-19, quando o governo do Espírito Santo implementou as Atividades Pedagógicas Não-Presenciais (APNPs), através da Google Sala de Aula. A fim de desenvolver o trabalho, entramos em contato com um professor e juntos planejamos uma sequência didática sobre o Romantismo brasileiro, utilizando as ferramentas do Google Sala de Aula. Apresentamos a proposta aos alunos e aos pais, obtendo seus consentimentos por meio dos termos já mencionados, iniciando-se a aplicação da sequência em três encontros.

Durante os encontros, os alunos foram preparados para o trabalho, com explicações sobre o conteúdo e as ferramentas do Google Sala de Aula. Em seguida, o estudo do conteúdo "Romantismo Brasileiro e a sua primeira fase" foi realizado por meio de aulas expositivas e dialogadas, utilizando *slides* e o livro didático de Português do 2º. ano, seguidas da leitura e produção de poemas em grupos, com o uso do Google Docs.[7]

Moran (2006) destaca que a inserção das novas tecnologias na educação possibilita uma aproximação entre o real e o virtual, trazendo mais significado à aprendizagem ao relacionar a realidade histórica com o contexto atual. Freire (2000) também enfatiza a importância de considerar o contexto sócio-histórico dos estudantes para gerar uma aprendizagem crítica e eficaz. Assim, ao utilizar a tecnologia de forma crítica, os estudantes participam ativamente na construção do seu próprio conhecimento.

Foi realizada a etapa seguinte do projeto, que consistiu na criação de um mural interativo (Padlet) sobre as obras literárias que mais gostaram e sobre os textos em que há intertextualidade. Apesar do pequeno número de alunos, devido às faltas, houve maior engajamento em relação às etapas anteriores, e a produção do mural interativo possibilitou a comparação de textos de diferentes épocas. Zilberman (1990) afirma que o ensino de literatura deve considerar alternativas não elitizantes para ser significativo. A inserção da tecnologia, de acordo com Moran (2006) e Kenski (2007), possibilita a aprendizagem que faz parte do universo dos estudantes.

[6] A escola informou à pesquisadora que alguns alunos estavam faltando, há algum tempo, por motivos de trabalho e estágio. Em relação aos demais, a razão ainda era desconhecida, no momento da pesquisa.

[7] Na sequência didática, enfatizou-se a produção poética do Romantismo Brasileiro.

Posteriormente, os alunos foram convidados a fazer uma pesquisa e criar *slides* no Google Apresentações sobre os autores marcantes da segunda e terceira fases do Romantismo. Durante todo o processo, o professor colaborador e a pesquisadora acompanharam o desenvolvimento dos alunos, visando fomentar suas habilidades criativas, que são cruciais para o ensino de literatura, de acordo com Zilberman (1990). A criação artística opera a partir da fantasia, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas e é um ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora.

Durante a execução dessa etapa, notamos algumas dificuldades dos alunos em relação à pesquisa e à leitura. Alguns alunos apresentam apatia a leituras extensas, buscando sempre por textos mais curtos e de rápida leitura. Isso pode ser reflexo do ambiente que as redes sociais propiciam a esse público, fazendo com que os jovens possuam menos paciência para leituras mais demoradas e elaboradas. Segundo Kenski (2007), a educação deve explorar as contradições existentes no meio tecnológico, a fim de formar usuários pesquisadores capazes de desenvolver conteúdos de forma crítica, em vez de simplesmente produzir usuários e desenvolvedores de tecnologia.

Após a aplicação da sequência didática, foi necessário apreender as percepções dos estudantes acerca do que foi discutido e como foi apresentado. Dessa maneira, buscamos compreender se já haviam tido contato com o ambiente da Google Sala de Aula, se conseguiram utilizá-los, se atribuem à Google Sala de Aula a aprendizagem mais significativa sobre o tema.

Inicialmente, questionamos aos estudantes quais recursos da Google Sala de Aula eles conheciam, sendo que a maioria deles conhecia o Google Formulários, seguido dos Chromebooks e do Google Meet, o que pode ser explicado pelo uso frequente dessas ferramentas pelos professores e pela sua utilidade durante a pandemia de COVID-19. Esses dados confirmam a perspectiva de Kenski (2007) sobre a necessidade de adaptação da educação às novas tecnologias e a orientação dos estudantes na apropriação dessas ferramentas essenciais para a sala de aula.

Gráfico 01



Fonte: das próprias autoras

Durante a pesquisa, perguntamos aos estudantes sobre o uso dos recursos da Google Sala de Aula em casa, e a maioria respondeu afirmativamente, demonstrando que a ampliação do acesso às novas tecnologias é uma realidade promissora. Embora não seja nosso objetivo responder à questão das políticas públicas de inclusão digital, há indicações de que essas políticas têm contribuído para o acesso às tecnologias nas escolas. Essa perspectiva é apontada por Kenski (2007) e Moran (2000; 2006), que destacam a importância da incorporação desses recursos na educação.

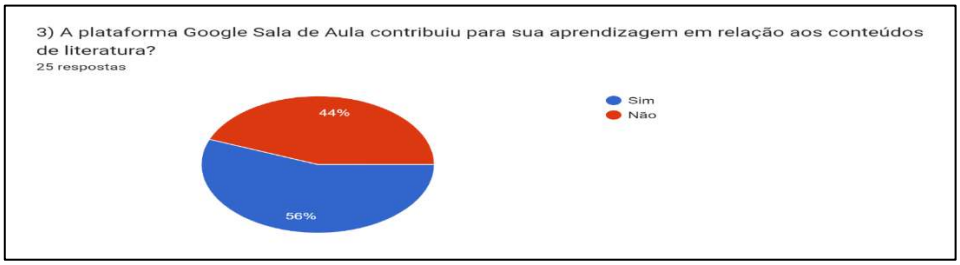
Gráfico 02



Fonte: das próprias autoras

Na pergunta seguinte (Gráfico 03), mais de 50% dos estudantes afirmaram que a Google Sala de Aula contribuiu para sua aprendizagem em literatura. Essa resposta reforça os estudos de Silva (2003) e Zilberman (1991), que defendem a interdisciplinaridade no ensino de literatura. No entanto, é importante notar que uma parcela significativa de estudantes não conseguiu atingir suas expectativas com a sequência de ensino proposta. Esse dado serve como reflexão para repensar as práticas pedagógicas e atender às particularidades dos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 03

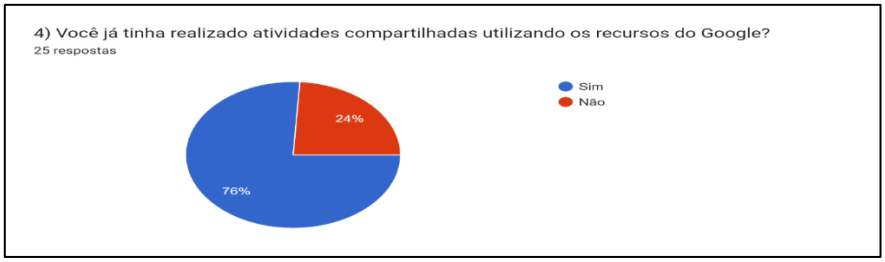


Fonte: das próprias autoras

Nesta pesquisa-ação, valorizou-se o processo coletivo de construção do conhecimento e, para avaliar seus efeitos, perguntamos aos estudantes se já haviam participado de atividades nesse sentido (Gráfico 04). Quase todos os estudantes já haviam experimentado essa metodologia, com o auxílio da tecnologia. Esses dados

revelam que os professores estão buscando garantir a aprendizagem por meio de metodologias ativas, especialmente aquelas intermediadas pela tecnologia, que está cada vez mais presente na sociedade da informação (KENSKI, 2007).

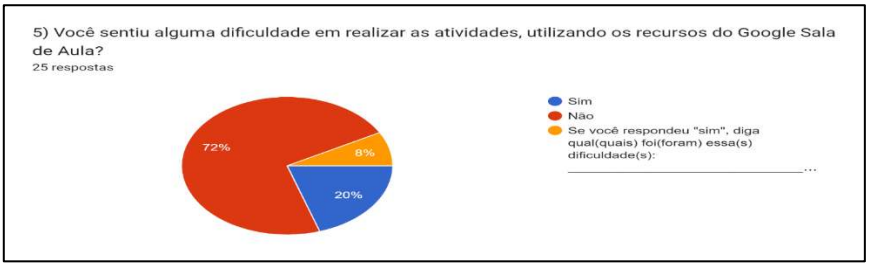
Gráfico 04



Fonte: das próprias autoras

É preciso também ter atenção aos desejos dos jovens. Quando perguntados se gostaram de desenvolver as atividades do conteúdo de Literatura por meio da Google Sala de Aula, a maioria respondeu que sim (Gráfico 05). Isso nos põe diante do que Silva (2003) e Zilberman (2012) esclareceram quando pontuaram que é fundamental romper com paradigmas elitistas sobre o ensino de literatura, garantindo que todos possam acessá-lo de modo pleno. As tecnologias podem contribuir muito para isso, na escola do século XXI, que é mais conectada e consegue ter acesso a informações de modo mais acelerado. Integrando as tecnologias ao cotidiano escolar e docente (MORAN, 2006; KENSKI, 2007).

Gráfico 05

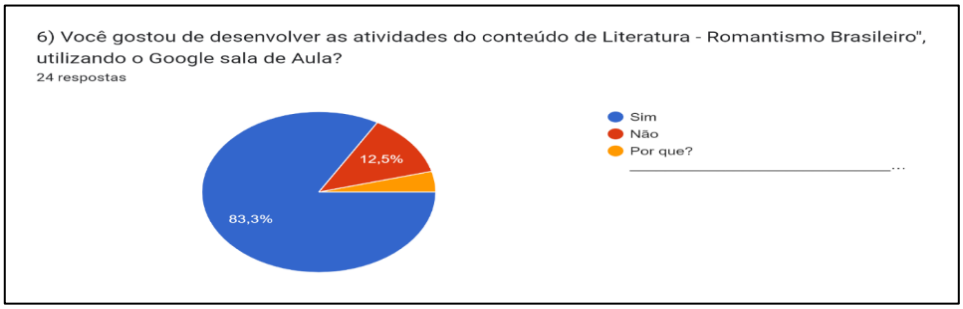


Fonte: das próprias autoras

Ao considerarmos os desejos dos jovens, percebemos que a maioria deles gostou de desenvolver as atividades do conteúdo de Literatura por meio da Google Sala de Aula, conforme indicado na Figura 06. Esse resultado nos leva a refletir sobre a importância de superar paradigmas elitistas no ensino de literatura, permitindo que todos possam acessá-lo de maneira plena, como destacado por Silva (2003) e Zilberman (2012). Nesse sentido, a integração das tecnologias ao cotidiano escolar e docente pode ser um importante

aliado para tornar a escola do século XXI mais conectada e acessível, possibilitando o acesso às informações de maneira mais ágil, como defendido por Moran (2006) e Kenski (2007).

Gráfico 06



Fonte: das próprias autoras.

Também analisamos a percepção do professor colaborador da pesquisa. Sua presença foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Sua interação prévia com os alunos garantiu um melhor engajamento dos mesmos com o projeto. O professor Geovanni Cremonini possui quinze anos de experiência como professor e seu trabalho é constantemente atravessado pelas tecnologias. Essa realidade se reflete em suas percepções sobre o tema.Embora haja um discurso corrente de que as novas tecnologias podem substituir o trabalho docente, alguns professores entendem que elas são um complemento para a prática educacional. O professor Cremonini (2022) se alinha a essa segunda hipótese, quando questionado sobre as vantagens da utilização do Google Sala de Aula, afirmando:

> Por ser digital e *online*, as vantagens são facilidade em ter e dar *feedback* dos/aos estudantes, reduz a quantidade de papel impresso – o que não chama atenção deles, fácil de corrigir as atividades propostas e sobretudo muito fácil o acesso. (CREMONINI, 2020).

A utilização dos recursos tecnológicos pode trazer benefícios significativos para o trabalho em sala de aula, tornando a educação mais flexível e dinâmica, conforme destacado por Moran (2000). As tecnologias da informação não se limitam a ser meras ferramentas de acesso à informação, mas potencializam o ensino e auxiliam o trabalho docente. No entanto, é importante ressaltar que os professores enfrentam desafios, ao incorporar a tecnologia em sua prática, e foi perguntado ao professor colaborador desta

pesquisa sobre suas principais dificuldades com o uso do Google Sala de Aula, o qual identificou alguns problemas técnicos.

> A maior dificuldade hoje é o acesso ao wi-fi do aluno. Inclusive essa problemática é recorrente até mesmo com os professores. A distribuição de internet não é de qualidade. Nem todos os chromebooks da escola estão conectados à rede. Isso desanima um pouco o uso das tecnologias (CREMONINI, 2022).

O professor levanta a questão da importância de investigar as dificuldades de acesso e inclusão digital dos jovens na Educação Básica, reconhecendo que essas discussões são relevantes para quem pesquisa a educação e as tecnologias. Além disso, para compreender melhor a visão do professor sobre as tecnologias e o ensino de Literatura, foi perguntado a ele sobre as principais diferenças que ele observou antes e depois da utilização do Google Sala de Aula como ferramenta pedagógica. A seguir, sua resposta é apresentada.

> O acesso às múltiplas linguagens sobre o assunto. Por meio dessa ferramenta, o estudante pode ser levado a viajar pelo mundo literário como museus, exposições, contato com obras literárias, leituras e produções compartilhadas, aulas invertidas e atendimento a qualquer momento fora do tempo de sala de aula. O mundo virtual, por meio do uso do Google Sala de Aula, não deixa a aula "engessada" restritamente à fala do professor, aos vídeos, apresentações e atividades sistematizadas somente reservadas àquele momento de sala de aula (CREMONINI, 2022).

O professor destacou a importância de direcionar o ensino de Literatura para além do tradicionalismo, de acordo com os estudos de Silva (2003) e Zilberman (2012), com o objetivo de torná-lo mais acessível e significativo para os estudantes, deixando de lado a elitização. Além disso, o professor mostrou habilidade na utilização das ferramentas do Google, como o Apresentações, Formulários, Drive e Documentos, para o bom desenvolvimento das aulas de Literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos analisar e verificar de que forma os recursos do Google Sala de Aula podem ser utilizados como ferramentas eficazes no ensino de Literatura no nível médio. Para atingir esse objetivo, exploramos os recursos disponíveis na plataforma e aplicamos uma sequência didática que permitiu a discussão do movimento literário do Romantismo brasileiro, culminando nos resultados encontrados. Assim, no decorrer da pesquisa, foi possível observar que o Google Sala de Aula oferece diversas ferramentas que contribuem para uma aprendizagem mais significativa. Neste estudo, focamos em como essas ferramentas podem ser aplicadas no ensino de Literatura para uma turma de Ensino Médio. Apesar dos obstáculos encontrados ao longo do processo, como a evasão e o alto índice de faltas, devido aos estudantes terem empregos e faltarem

frequentemente às sextas-feiras, conseguimos coletar percepções dos alunos a respeito das ferramentas utilizadas durante a coleta de dados.

A partir desta pesquisa, torna-se evidente que certos tópicos exigem aprofundamentos futuros, uma vez que não foi possível discuti-los de maneira exaustiva dentro do escopo deste estudo. Algumas dessas questões incluem: inclusão digital, o impacto das políticas públicas para o acesso à tecnologia em sala de aula e o impacto da pandemia no processo de ensino-aprendizagem mediado pela tecnologia. As possibilidades são diversas, e esta pesquisa apenas serviu para abrir ainda mais o debate em torno desses temas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil.** São Paulo: Humanitas / FFLCH / SP, 2002.

COSTA, Fabiani Rodrigues Taylor. **Literatura e Ensino Médio:** a mediação do professor e das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Dissertação – Mestrado em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo. 175 p. Vitória, 2017.

CREMONINI, Geovanni. *Entrevista concedida à Andressa Silva Fleischmann*. Colatina-ES, 2022.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: cotidiano do professor. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas-SP: Papirus, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MORAN, José Manuel. Educação inovadora na Sociedade da Informação. *ANPEDE. São Paulo*, v. 168, n. 200.17, 2006. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/nucleoead/documentos/moranEducacao.pdf >. Acesso em: 15 maio 2022.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.** Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PROEX/UEPG, 2015.

RODRIGUES, Poliana Carla. **Incentivo e desenvolvimento da leitura e da escrita por meio do ambiente de aprendizagem Google sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré. 176p. São Mateus - ES, 2020.

SCHEUER, Eliana Cristina. **Literatura, ensino e tecnologia:** possibilidades de aprendizagem na sala de aula 2015. Dissertação – Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias – Universidade Norte do Paraná – UNOPAR. 101 p. Londrina, 2015.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula:** da teoria literária à prática escolar. *In:* Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa,* v. 31, n. 03, p. 443-466, 2005.

ZILBERMAN, Regina; DA SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e Pedagogia**. São Paulo: Mercado Aberto, 1990.

Artigo recebido no 2º semestre de 2022.
Artigo aceito no 2º semestre de 2022**.**